

AS CERIMÔNIAS DE COROAÇÃO DE NOSSA SENHORA: MEMÓRIAS E ANÁLISE DE UMA PRÁTICA DEVOCIONAL MARIANA

THE CEREMONIES OF OUR LADY'S CORONATION: MEMORIES AND ANALYSIS OF A MARIAN DEVOTIONAL PRACTICE

Dr. Newton Darwin de Andrade Cabral*

RESUMO

Partindo de uma descrição originada das memórias do autor, às quais são acrescentadas análises a partir da bibliografia a que tivemos acesso (destaque para obras de Francisco van der Poel, Afonso Murad e Ivany Coutinho), o artigo enfatiza os elementos cênicos e musicais componentes da cerimônia que, não obstante continuar sendo realizada na cidade *locus* da rememoração, já sofre mutações, uma vez que o hino tradicionalmente cantado – que marcava todo o ritmo da coroação – foi substituído por outros considerados mais modernos. Diferenças entre liturgia e devoção, aplicadas ao culto a Maria, são também abordadas. No artigo, ainda chamamos a atenção para algumas orientações rituais, disponibilizadas na rede mundial de computação, algumas delas visando a corrigir distorções que percebíamos presentes na cidade do interior potiguar cuja forma de organizar a cerimônia baseia a discussão apresentada neste trabalho. Concluimos afirmando a validade daquelas cerimônias que, embora sejam alvo de críticas por parte de alguns agentes do sagrado, em outras instâncias reveladoras de posturas mais condizentes com o respeito às tradições religiosas populares, são orientadas no sentido de delas serem eliminadas imprecisões ou exageros.

Palavras-chave: Igreja Católica. Religiosidade popular. Devoção mariana. Mariologia.

* Doutor em História (UFPE), é professor da Universidade Católica de Pernambuco, onde integra os colegiados da Graduação em História e do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, do qual é o coordenador. newtondeandradecabral@gmail.com

ABSTRACT

Parting from a description originated from the author's memory, to which are added analyses parting from the bibliography we had access to (principally works by Francisco van der Poel, Afonso Murad and Ivany Coutinho), the article emphasizes the scenic and musical elements which compose the ceremony and which, though it keeps being celebrated in the city which is the place of the remembrance, has already suffered changes, since the hymn traditionally sung – which marked the complete rhythm of the coronation – was substituted for others considered more modern. Differences between the liturgy and the devotion applied to the cult of Mary are also being approached. In the article, we further call the attention to some ritual orientations made available in the worldwide internet, some of them aiming to correct distortions we noticed in the city of the interior potiguar, whose way of organizing the ceremony is the basis of the discussion presented in this work. We conclude affirming the value of those ceremonies which, though they are the aim of criticism from some of the agents of the sacred, in other instances, that show more respect for the religious traditions of the people, are advised to eliminate imprecisions and exaggerations from them.

Key-words: Catholic Church. Popular religiosity. Devotion to Mary. Mariology.

INTRODUÇÃO

Devoção é um apego livre e firme ao serviço religioso,
o seguimento de Jesus com fé e confiança.
Na religiosidade popular, devoção quase equivale a religião.
– Francisco van der Poel –

Iniciadas na Europa, no século XII, as cerimônias de Coroação de Nossa Senhora chegaram ao Brasil através dos portugueses e ainda são vivenciadas na contemporaneidade. Segundo Dornas Filho *apud* Poel, em Minas Gerais, elas foram introduzidas por Dom Antonio Viçoso, a partir de 1840 (2013, p. 259). Habitualmente realizadas no último dia de cada mês de maio – há lugares onde o ritual é vivenciado em outras ocasiões –, o ato compõe o universo das vastas manifestações religiosas existentes em torno de um dos relevantes elementos do catolicismo: a devoção mariana.

Uma das mais antigas, a devoção a Maria é também chamada de hiperdulia – a mais especial e excelente entre as formas de culto aos santos –, por isso mesmo, reservada apenas a Nossa Senhora:



A própria Igreja sublinha esse aspecto, ao estabelecer uma modalidade diferente para o culto de Maria. Enquanto todos os demais santos devem receber um tipo de veneração designado sob o nome de *dulia*, isto é, simples devoção, Maria deve ser objeto de *hiperdulia*, ou seja, devoção maior. Isso a situa logo abaixo de Deus Pai e de Jesus Cristo, que, por sua vez, devem receber a devoção suprema, ou *latria* (AUGRAS, 2005, p. 34).

Assim, há séculos os fiéis devotos a invocam, principalmente nas situações mais difíceis. Sobre o lugar de Maria na Igreja – cujo posto é “especial na comunhão dos santos”¹ (MURAD, 2016, p. 206) –, assim se expressou o Concílio Vaticano II, na Constituição Dogmática sobre a Igreja: a *Lumen Gentium*:

Por graça de Deus exaltada depois do Filho acima de todos os anjos e homens, como Mãe santíssima de Deus, Maria esteve presente nos mistérios de Cristo e é merecidamente honrada com culto especial pela Igreja. Com efeito, desde remotíssimos tempos a Bem-aventurada Virgem é venerada sob o título de Mãe de Deus, sob cuja proteção os fiéis se refugiam súplices em todos os seus perigos e necessidades. Por isso, mormente desde o Sínodo de Éfeso, o culto do povo de Deus a Maria cresceu maravilhosamente em veneração e amor, em invocação e imitação (n. 66).

Em concordância com a perspectiva de veneração e amor a Maria devem ser entendidas e analisadas as várias manifestações religiosas conhecidas do mundo católico, entre as quais figuram as cerimônias de coroação.

A descrição detalhada da forma como era feita em uma cidade do interior potiguar é apresentada a seguir. Seu desenrolar era marcado pelo hino² que pontuava uma sintonia entre a sua execução e os distintos momentos cênicos da coroação. Pesquisas realizadas na internet não lograram êxito quando se buscou, dele, o registro de alguma gravação³, pois, na rede, apenas a sua letra foi encontrada.

¹ O Dicionário dos Termos da Fé (s.d.) registra, no verbete comunhão dos santos: “Fórmula dogmática inserida no símbolo dos Apóstolos e que significa a Igreja, simultaneamente no seu mistério e na sua visibilidade humana. O determinativo *dos santos* pode ser entendido no masculino, comunidade entre os santos, os membros do corpo místico santificados pela graça e pelos sacramentos, ou então no neutro, partilha das coisas santas, dos bens espirituais com que Deus gratifica os homens em Cristo. A Igreja é a comunhão dos *sancti* nas *sancta*”.

² Existem muitas músicas específicas para a coroação. Uma compilação de letras é encontrada em Coutinho (2006), muitas delas com as partituras.

³ Para suprir tal lacuna e possibilitar o acesso à melodia, foi feita uma gravação, em estúdio, com as seguintes participações: voz (Newton Cabral), violão (Percy Marques), violoncelo (Sebastian Poch) e técnico de gravação (Sammy Barros). Para ouvi-la: <https://soundcloud.com/user-649438473/maria-nome-sagrado>.



1. DESCRIÇÃO DA COROAÇÃO

A cerimônia⁴ era realizada à noite, o que conferia maior brilho ao contraste da iluminação, do qual se fazia uso, e às velas. Toda ela era rodeada pela expectativa de encerramento de algo intencionalmente preparado durante todas as noites do mês, quando famílias mais conhecidas e que guardavam maior participação nas poucas celebrações oficiais então realizadas na cidade, dividiam, com algumas instituições nela existentes, as responsabilidades de noiteiros: dirigir a récita do terço (inclusas as canções), ornamentar o altar lateral para onde, nessa época, era transportada a imagem da padroeira – Nossa Senhora da Penha – e apresentar ofertas pecuniárias ou em produtos a serem postos em leilão, cuja renda seria também revertida à Igreja.

No dia 31 de cada mês de maio, após a celebração da Missa, começava a coroação da imagem de Maria. Naquela noite, o número de meninas com tiaras à cabeça e vestimentas de anjos, confeccionadas em tecidos brilhosos – habitualmente seda e/ou cetim – e laços à cintura, era maior. Nos laços, prendiam-se asas feitas em filó, a partir de armações de arame, e nelas afixadas muitas penas, todas brancas. A vestimenta era custeada pelas famílias, o que implicava certa barreira para com as crianças menos favorecidas do ponto de vista financeiro. O quantitativo de anjos era, necessariamente, ímpar, a fim de que uma das meninas-anjo – a que faria a coroação propriamente dita – tivesse distribuição equitativa tanto à sua esquerda, quanto à direita.

Após uma introdução feita pelo pároco, começava o momento de maior enlevo: apagavam-se as luzes da maior parte da igreja, permanecendo acesas apenas as que incidiam diretamente sobre os altares, e um grupo de senhoras mais afeitas aos serviços (para)litúrgicos, sem dispor do acompanhamento de quaisquer instrumentos musicais, entoava tradicional e piedoso hino mariano⁵, logo cantado pela imensa

⁴ O texto reporta ao segundo lustro da década de 1970, na cidade de Monte Alegre (RN), quando ela, junto com mais outras duas (Vera Cruz e Lagoa Salgada), compunham a Paróquia de São Joaquim e Sant'Ana, na Arquidiocese de Natal, cuja sede era localizada em uma quarta cidade: São José do Mipibu.

⁵ Em Coutinho (2006, p. 70) foi encontrada a letra de uma canção cujo refrão é muito semelhante ao da transcrição contida neste trabalho. Todavia, ela fala de outros acessórios (além da coroa): véu, palma e ramalhetes. Na letra, em similitude com a aqui transcrita, cada estrofe conduz ao momento da colocação dos citados elementos na imagem que representa Maria. Na mesma obra (p. 178), é apresentada a partitura da música referida, com a ressalva de que se trata de uma adaptação feita



maioria dos presentes que lotavam o recinto de uma igreja cujas dimensões não eram tão pequenas.

O hino era meticulosamente ensaiado, pois o ritmo das tarefas que cabiam a cada anjo acompanhava a evolução da sua letra (a ser transcrita na continuidade deste trabalho). O anjo que “presidia” a coroação, cujas vestes eram obrigatoriamente brancas, era, muitas vezes, umas das meninas mais bonitas a partir de padrões estéticos estabelecidos (a memória não revela que, em alguma ocasião, uma criança negra, por exemplo, tenha sido a escolhida). Aliás, havia disputa, ainda que velada, entre alguns grupos familiares radicados no núcleo urbano central, que desejavam ver e fotografar sua filha/neta naquela situação.

O anjo-presidente era postado atrás da escultura, de maneira que, à altura de seu pescoço, correspondesse a cabeça daquela representação iconográfica de Maria. Aos que o ladeavam e à imagem, aos quais era facultado vestir azul ou rosa – guardada a correspondente simetria –, competia a tarefa de segurar pequenos cestos trançados em vime (ou outro material, como palhas), de onde retiravam pétalas de rosas vermelhas, antes adrede desfolhadas, que eram, em movimentos graciosos, atiradas em direção à imagem, a cada vez que determinado trecho do refrão afirmava: “Recebe, também, Maria/ Estas pétalas de flores”.

Diversa e milimetricamente definida – requerendo, portanto, alguns treinamentos – era a movimentação do anjo que fazia a coroação: desde o começo do hino, segurava, com as duas mãos em concha, uma coroa de prata, que fazia parte da indumentária costumeira da imagem. No início, a coroa não era vista pela multidão de fiéis, uma vez que seu progressivo movimento começava no nível da cintura da criança; atrás, portanto da escultura. À proporção que a letra do hino evoluía, ela ia sendo erguida e, com uma suavidade majestosa, passava além da altura das cabeças da representação iconográfica e da própria criança, para, depois, na mesma delicada cadência rítmica, efetuar o movimento contrário de descimento, até o instante em que

por Darcy Chagas. Entretanto, ela não corresponde à que foi gravada (ver nota número 4), cuja notação musical encontrada no anexo deste artigo, foi realizada por Percy Marques, após ouvi-la e participar da sua gravação. A ele apresentamos agradecimentos.



a finalização da terceira estrofe fazia referência à coroa e conduzia ao ápice do ritual, quando enunciava: “Recebe, também, Maria/ Esta *grinalda de flores*”. (Grifo nosso). Quando da repetição da estrofe, a imagem era, então, coroada⁶.

Naquele momento, eram acesas todas as demais luzes que haviam sido apagadas, tocada a pequena sineta do altar e acionado o potente sino da torre da Igreja. Os devotos prorrompiam em aplausos e explosivos eram acesos por atentos fogueteiros situados nas proximidades, pois a sincronia era buscada e, sabia-se, produzia consideráveis efeitos. Embora dissonante, tudo o que se podia ouvir prefigurava os sons de uma polifonia, na qual encontravam seus lugares, como se pensados a partir das exigências métricas de exímio compositor, o pipocar dos foguetões, os aplausos e o badalar dos sinos, aos quais ainda se juntavam buzinas de automóveis estacionados na quase fronteira Praça principal de uma cidade cuja população era, à época, majoritariamente, de pertença católica. À medida que a profusão amainava, parecia proporcionar ainda mais harmonia ao ecoar solene dos acordes finais do hino.

Miríades de elementos estéticos produziam intensas emoções, misto grandiloquente do embevecimento ocasionado pela fruição de tanta beleza.

Palavras finais do sacerdote encerravam a cerimônia. Ele agradecia o empenho dos que abrilhantaram as celebrações de todo o mês de maio e convidava os fiéis para que entoassem nova canção devocional mariana, que soava como uma despedida, pois o seu refrão explicitava essa perspectiva: “Adeus, oh Mãe de Bondade/ Rainha do Céu, Adeus!”⁷. No mesmo diapasão, era formulado o convite para que os filiais sentimentos religiosos renovados naquela cerimônia de coroação, fossem (re)vividos em todo o ano, até o 31 de maio seguinte.

⁶ Há lugares onde, além da coroa, os anjos que homenageiam Maria também colocam véu, palma e rosário na sua imagem (em nota anterior foram referenciados véu, palma e ramalhete). Em outros, após a cerimônia, os anjos ganham cartuchos de amêndoas (POEL, 2013, p. 259).

⁷ Trata-se do canto “Terno adeus”, cujas letra e partitura podem ser encontradas, respectivamente, em Ivany Coutinho (2006, p. 119; p. 224). Como acontece com os hinos da coroação, também existem muitas músicas para a despedida da cerimônia e, notadamente, do mês de maio.



2. HINO USADO NA COROAÇÃO

Maria, nome sagrado⁸
Cheio de graça e candura
Lábios de anjos evolados [Nome Santo e Venerado]
Numa canção meiga e pura - bis

Refrão

Recebe também Maria
Estas pétalas de flores [com estes punhados de flores]
Que te trouxemos [ofertamos] Mãe Pia
Rendendo os nossos louvores - bis

São tuas nossas canções
Maria, mãe de bondade
Enche os nossos corações
De ternura e piedade - bis

Refrão

Fulges mais que a luz do dia
Nesta noite (manhã, tarde) tão formosa
Aceitai, doce Maria
Esta grinalda de rosas - bis

Refrão

Sobre a estrutura dos cantos usados nas cerimônias de coroação, Ivany Coutinho discorreu que eles

guardam vestígios das cantigas medievais que possuem vocabulário bem simples, de fácil compreensão. Comumente predominam os versos compostos em redondilha maior, embora possam surgir, esporadicamente, outras modalidades. Há preocupação com a métrica e a rima. Para cada representação individual, ou seja, colocar coroa, véu, terço, palmas e outros símbolos, existem estrofes específicas que vêm seguidas do estribilho cantado pelo coro (2006, p. 22).

⁸ A letra, também reconstituída a partir da memória – e que teve sua confirmação atestada por transcrições localizadas na internet –, remete à versão habitualmente usada no tempo e na localidade supramencionados (nota número 5). Os trechos entre colchetes destacam variações encontradas entre a versão transcrita neste artigo e as disponíveis na rede mundial. A parte entre parênteses, revela a possibilidade de adaptação ao turno em que a cerimônia for realizada. Não tivemos acesso à informação acerca de autor(a) da letra e/ou da música. Dessa forma, elas são, ambas consideradas de domínio público. Coutinho (2006, p. 70), assim referencia: “Religiosidade popular brasileira – autor desconhecido”.



Quanto ao hino que transcrevemos, observamos que ele se apresenta metricamente harmonioso, contém rimas e apenas um dos seus vocábulos não é de tão fácil compreensão: o participio do verbo evoluar, nele empregado em referência à acepção elevar-se voando.

3. MARIA, ENTRE A DEVOÇÃO E A LITURGIA

Afonso Murad (2012, p. 206) afirma ter a devoção mariana sofrido certo arrefecimento após o Concílio Vaticano II, o que foi uma característica de curto espaço de tempo, pois durou até o Papa Paulo VI lançar, aos 02 de fevereiro de 1974, a exortação apostólica *Marialis cultus*, cuja preocupação maior é o estabelecimento dos critérios que conduzam a que seja prestado “a Maria um culto sempre mais bíblico, teológico e litúrgico” (BOFF, 2004, p. 13).

A Igreja Católica, como o fazem muitas outras religiões, pauta sua organização através de ritos e normas. Nela, “a oração litúrgica é mais definida que a devoção popular” (MURAD, 2012, p. 211). Ainda segundo o mesmo autor, no pós-Concílio Vaticano II, a partir das reformas propostas para a liturgia, visando a recolocar Maria em íntima relação com o mistério de Cristo e da Igreja, e superar os exageros do triunfalismo mariano presente nos séculos precedentes, foram determinadas, para o ano litúrgico, três tipos de celebrações marianas: solenidades (celebrações mais importantes), festas e memórias, destacando-se que algumas festas têm sua celebração opcional e que aquilo que em certa comunidade local é memória, em outras pode ser festa ou solenidade (2012, p. 206-212)⁹.

Em 1954, no encerramento do ano mariano, por ocasião do centenário do dogma da Imaculada, Pio XII decidiu instituir a festa da realeza de Maria. Foi de fato o reconhecimento de um movimento iniciado e desenvolvido neste século, o desejo da festa formulado no Congresso mariano de Lião em 1900, reiterado em Friburgo em 1902 e em Einsiedeln em 1906, suscitou, com efeito, renovado impulso a partir da festa de “Cristo Rei”, querida por Pio XI, em 1925. A ênfase da realeza de Maria, promovida naquele período, seja em nível de devoção seja de reflexão teológica, gozou assim de respeitável expressão na encíclica de Pio XII, *Ad coeli Reginam* (AAS 1954, pp. 625-640), na qual estão expostos os motivos históricos e teológicos subjacentes à

⁹ O autor referido dá numerosos exemplos de festas, solenidades e memórias, tanto universais quanto específicas de determinados países.



adoção da festa, fixada para o dia 31 de maio. Na ocasião o papa recorreu com as próprias mãos o ícone da “*Salus populi romani*” (...) A reforma do Calendário lhe conferiu o grau de memória, transferindo-a para o dia 22 de agosto, oitava da Assunção, a fim de tornar mais evidente a conexão entre a festa da Assunção e a realeza de Maria (MAGGIONI, 1998, p. 90).

A coroação de Nossa Senhora, por não fazer parte da liturgia, posto que não é solenidade, festa ou memória, é uma cerimônia devocional – faz referências diretamente à realeza de Maria que, como visto, objetiva aclamá-la, exaltá-la e dignificá-la, reconhecendo as suas duas maternidades: divina e espiritual da humanidade.

“O título de rainha é atribuído a Maria pela tradição cristã pelo menos a partir do século IV”, conforme registra o Dicionário de Mariologia, no verbete rainha. Essa obra, em treze páginas, ocupa-se do vocábulo mencionado. Nela, entre outras questões, é analisada a necessidade de liberar a teologia mariana de erros que lhe foram incorporados ao abordar a perspectiva ‘Maria rainha’, tais como o de partir do conceito político de realeza para uma posterior aplicação tanto ao Cristo quanto à Maria. Essa aplicação se revelou, então, inadequada, uma vez que a influência da rainha dos cristãos católicos é constituída “do seu poder sobre o coração do rei e do seu incomparável prestígio junto a todos”. Assim, alguns optaram por distanciar-se da atribuição da expressão ‘rainha’ a Maria, passando a considerá-la mais em sua dimensão simbólica, como metáfora “vazia de verdade”. O Dicionário aponta como risco maior o de “certa hipostatização de Maria rainha, que ficaria distanciada do povo de Deus e afastada da realeza evangélica”. E o verbete continua estabelecendo comentários sobre “Maria rainha em sentido evangélico” (DE FIORE; MEO, 1995, p. 1104-1117).

A preocupação com o ressaltar aspectos de uma realeza evangélica em detrimento das características mais relacionadas a uma dimensão política, associada costumeiramente ao título de rainha, tem sua razão de ser. Todavia, cabe a indagação acerca de até que ponto os devotos estão em sintonia com ela, ou se, de fato, a inspiração maior advém de uma metáfora, cheia de simbolismo afetivo (ver, abaixo, citação de Afonso Murad que chama as devoções populares a Maria de “manifestações do coração”), que elege uma soberana a partir do reconhecimento de



uma realeza que emana da imensidão do seu amor, da vastidão de sua intrépida disponibilidade e da sua total entrega no serviço aos outros. Nessa percepção, muito disseminada, se alicerça a confiança naquela que intercede continuamente, pois, mais que somente rainha, ou apenas mãe, ela é, simultaneamente, “mãe-rainha” e “rainha-mãe”. As supramencionadas maternidades humana e divina conferem a Maria uma majestade que seus devotos reconhecem, festejam, reverenciam e amam.

Por sua vez, o Papa Paulo VI, na encíclica *Marialis cultus*¹⁰, aponta algumas orientações para o culto à Virgem Maria: cunho bíblico, que é “postulado geral da piedade cristã” (MC, n. 30), cunho litúrgico, que determina a sintonia para com os tempos litúrgicos (MC, n. 31) e preocupação com a dimensão ecumênica, pois, uma vez que é forte o desejo de unidade entre os cristãos, não devem ser alimentados os equívocos interpretativos acerca da verdadeira doutrina da Igreja Católica (MC, n. 32).

Contíguas às prescritas, outras atividades religiosas são registradas – e muitas delas já se tornaram tradição – no vasto e plural campo de culto à Virgem Maria. A partir de tal constatação, Lina Boff (2004, p. 52), comentando a *Marialis cultus*, afirma existir no documento uma preocupação em

harmonizar elementos das práticas da piedade popular, sobretudo as de caráter mariano, com elementos do Culto Litúrgico, sem misturar o Culto por excelência que é a celebração do Memorial do Senhor, com novenas, rosário ou outras práticas piedosas e devocionais que por sua vez também são válidas.

De um lado, as preocupações litúrgicas e, do outro, fiéis devotos adeptos de práticas que, apesar de arraigadas, passaram a ser, em diversificados contextos históricos – alguns deles portadores de distintos modelos eclesiais – ‘doutrinadas’ e postas sob a tutela eclesial, ou relegadas a um plano inferior: em um primeiro momento, através do processo de romanização da Igreja que, em síntese, pode ser definido como a tentativa de bispos, padres e congregações religiosas pautarem suas ações objetivando delinear o catolicismo brasileiro segundo o modelo romano. Dito de outra forma, a romanização foi um processo através do qual a estrutura eclesiástica assumiu o controle de todo o aparelho religioso. Em um segundo momento, tais

¹⁰ Escrita visando à reta ordenação e desenvolvimento do culto à bem-aventurada Virgem Maria, conforme subtítulo da edição usada neste artigo (ver referências).



práticas quase foram extintas “nos grandes centros urbanos, preocupando-se a Igreja pós-Concílio com formas mais ativas de religiosidade, para além da devoção e nostalgia, buscando, através das chamadas ‘comunidades de base’ a conscientização de um cristianismo que se realize pela justiça social” (GAMA, 1984, p. 15)¹¹.

Assim, houve um certo esvaziamento do próprio simbolismo mariano atribuído ao mês de maio, no qual as cerimônias de coroação se constituíam o ponto mais alto, inclusive fomentando velada competição entre as famílias mais prestigiadas das paróquias, conforme referido em narrativa supradescrita neste artigo.

Todavia, registra-se uma perseverança:

As coroações, pautadas pelo tradicionalismo festivo anterior ainda se conservam, no entanto, em algumas paróquias, nas periferias, nas cidades do interior, como expressão singela de um louvor comovido e agradecido à Virgem que, na verdade, continua a ser para todos nós a Mãe, a mediadora infalível entre o pecador e seu Criador (GAMA, 1984, p. 15).

A persistência, ainda que acompanhada de evidentes sinais de perda de um ânimo anteriormente mais sólido, fomenta indagações acerca do que a motiva. As obras lidas não conduzem a uma interpretação na linha de ela apontar para uma rebeldia, ainda que não proposital, de significativa parcela dos católicos: a dos devotos marianos. Tampouco é demarcadora de uma transgressão deliberadamente assumida. As razões parecem estar além da discussão entre liturgia e devoção, pois elas conduzem aos múltiplos significados culturalmente atribuídos à maternidade, condição que, via de regra, evoca e suscita afetos:

A veneração a Maria aparece de forma mais intensa na devoção do que na liturgia. As devoções populares a Maria, como o terço, as novenas, as promessas, as fórmulas de consagração, as romarias, são manifestações do coração¹². Não se movem pelas normas canônicas, mas pelo desejo de sintonizar com Maria, na comunhão dos santos. Essa religiosidade não tem dono nem regras definidas. Quem cria devoções, solta-as no mundo (MURAD, 2012, p. 209). Grifo nosso.

¹¹ Esta obra, apesar de impressa, não contém numeração de páginas. Assim, para podermos referenciá-la, fizemos uma aposição manual de números.

¹² Aqui cabe o acréscimo das cerimônias de coroação.



Nesta discussão entre a liturgia e a devoção, quando aplicada ao culto a Maria, pelo menos para os católicos que aderem a práticas de piedade popular mariana, o que se sobressai são os sentimentos, cuja primazia indiscutível, no caso, é a do amor.

4. ORIENTAÇÕES RITUAIS

No portal do Apostolado dos Sagrados Corações, encontramos uma postagem com o título “Fazendo a coroação em sua paróquia”, a qual afirma, logo nos primeiros parágrafos:

A solenidade deve se revestir da maior pompa, respeito e profundo fervor espiritual, visando a deixar evidente a devoção sincera da comunidade eclesial e a grandeza do amor de seus membros, que será traduzido pela intensidade do carinho e do maior interesse que puderem demonstrar durante a cerimônia. Disponível em <<http://apostoladosagradoscorageos.angelfire.com/coroquia.html>>.

Habitualmente, a imagem de Nossa Senhora é colocada em um ponto bastante elevado, preferencialmente a parte mais alta de um altar situado ao lado do principal. Tal cuidado com a disposição da representação iconográfica se deve ao fato de ser importante que “toda a plateia possa visualizar o espetáculo” (COUTINHO, 2006, p. 23).

A preocupação com as questões estéticas colocava toda uma estrutura a serviço do sentimento, do embevecimento indutor da vivência de um ‘fervor espiritual’ que expressasse devoção e amor dos membros da Igreja – ela identicamente mãe, a exemplo de Maria – para com aquela que, ao mesmo tempo, é a Mãe da Igreja, conforme destacou o Papa João Paulo II (2010, p. 98-103), na Encíclica *Redemptor Mater* (A mãe do Redentor).

O esmero com a pompa fez com que, conforme a descrição supratranscrita, houvesse exageros no foco dado à condição estética das meninas que, a cada ano, seriam anjos – essa atenção era redobrada para com a que coroaria a imagem –, situação que se agravava e, *pari passu*, era reforçada com o fato de o custeio da vestimenta implicar a exclusão automática das pertencentes às camadas sociais mais pobres. Reforçando esta questão, encontramos relatos de que, em algumas localidades, “no exato momento em que Nossa Senhora era coroada (...) a banda de música, *geralmente*



contratada pelo pai da menina que ia coroar, tocava então os mais lindos acordes dos dobrados em voga” (GAMA, 1984, p. 15). Grifo nosso.

Tentando ajudar a corrigir tais situações, encontramos, na mesma postagem do portal do Apostolado dos Sagrados Corações:

Escolhem-se meninas e meninos, se possível, com igual altura e sendo pretos e brancos. Eles serão os anjos que irão coroar Nossa Senhora. Para mostrar que os anjos não têm sexo, deverão vestir com a mesma cor: branca, ou azul ou vermelha. As asas poderão ser de papel crepom, ou penas de pássaros, ou uma imitação semelhante. Também deverão ser pintadas da mesma cor da veste, um pouco mais clara. Importante: a vestimenta de todos os anjos deverá ser absolutamente igual.

Democraticamente, por sorteio entre os anjos, será escolhido aquele que conduzirá a coroa e que também irá coroar Nossa Senhora. Os demais anjos conduzirão pequenas cestas de vime (ou de outro material), com pétalas de rosas de variada coloração.

A beleza da roupa e os ornamentos colocados nos anjos deverão ser absolutamente iguais, vistosos, bonitos, mas sem exageros. O anjo é um ser inteligente, bonito, obediente e muito discreto. Disponível em <<http://apostoladosagradoscorageos.angelfire.com/coroquia.html>>. O grifo sublinhado é original; os em itálico, são nossos.

As orientações são cristalinamente inclusivas e igualitárias; elas visam à contenção de excessos e de diferenciações que, podendo ter início na própria indumentária dos anjos, costumeiramente passavam pela mais subjetiva das categorias: a estética (ainda que o reconhecimento de tal subjetividade não signifique deixarmos de reconhecer a existência da adoção de padrões de beleza). Além disso, os direcionamentos creditam ao acaso – posto que deve ser feita por sorteio – a responsabilidade pela escolha da criança-anjo que fará a coroação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não subsistem dúvidas sobre a necessidade de eliminar imprecisões e exageros, muitas vezes constatados nas cerimônias: a) a pompa excessiva que pode remeter ao triunfalismo; b) a discriminação de crianças “naturalmente” alijadas da possibilidade de participação nas coroações por questões estéticas e/ou financeiras; c) a disputa, ainda que velada, entre as famílias católicas das localidades onde ocorriam as



coroações. Do ponto de vista mais teológico, não há como descurar na atenção para que o fervor da devoção mariana não implique o deslocamento de uma espiritualidade cujo fundamento é cristocêntrico. E, em decorrência, essa constatação deve conduzir à necessidade de uma mais estreita relação entre a Mariologia e a Cristologia.

Entretanto, ainda pairam equívocos por parte de alguns agentes do sagrado que, no afã de orientar o culto segundo as normas litúrgico-pastorais, resvalam a ponto de assumirem posição frontalmente contrária ao que está arraigado no patrimônio religioso popular – conduzindo, inevitavelmente, a conflitos – sobretudo quando estão em pauta práticas devocionais que emanam das estruturas de sentimento, dos mais recônditos e intrincados níveis de afeto experimentados, inclusive enquanto seres transcendentais.

Na cultura brasileira, como em muitas outras, são elevadas as representações sociais acerca das mães, cujo prestígio, não raro, as aproxima de uma incontestável condição de santas vivas.

Inserindo-as em tal prisma analítico, interpretamos as cerimônias de coroação de Nossa Senhora como mais uma manifestação do amor de filhos que homenageiam uma mãe comum, a quem reconhecem rainha e, nessa condição, querem, a cada ano, simbolicamente coroá-la. É interessante destacar que a atribuição da realeza não propala a sensação de que são príncipes e princesas os membros da sua prole, nem de que os fiéis vivem a condição de súditos a partir das determinações dos artigos de uma constituição monárquica a que estejam juridicamente vinculados. Antes, continuam devotos daquela que, por causa da intensidade do amor vivido, pode ser intercessora nas súplicas que lhe são dirigidas.

A igreja incentiva as devoções; indica mesmo ritos que as expressem. Elas implicam uma relação direta e pessoal com o 'santo', são expressões de afetos e sentimentos e, assim, escapam à regulamentação. Praticadas individualmente ou pela comunidade, são manifestações em que a iniciativa popular ocupa mais espaço (PAIVA *apud* POEL, 2013, p. 318).

Assim, ainda que em várias situações seja difícil demarcar com nitidez a separação entre devoção e liturgia, séculos de devoção mariana justificam e fazem entender a validade das cerimônias paralitúrgicas de coroação de Nossa Senhora – e de outras



práticas disseminadas e preservadas –, a despeito do registro de variações e adaptações em diferentes épocas e lugares e das críticas que lhes são dirigidas. Porém, os que devotam amor filial a Maria as entendem, consideram-nas válidas e desejam que elas sejam preservadas.

REFERÊNCIAS

- APOSTOLADO dos Sagrados Corações. Fazendo a coroação em sua Paróquia. Disponível em < <http://apostoladosagradoscoracoes.angelfire.com/coroquia.html>>. Acesso: 02 jun 2017.
- AUGRAS, Monique. **Todos os santos são bem-vindos**. Rio de Janeiro: Pallas, 2005.
- BOFF, Lina. **Culto e práticas de devoção a Maria**: texto em linguagem popular a partir da Exortação “Marialis Cultus”, de Paulo VI. Aparecida: Editora Santuário, 2004.
- BROSSE, Olivier de la; HENRY, Antonin-Marie; ROUILLARD, Philippe. **Dicionário de termos da fé**. Aparecida; Porto: Editora Santuário: Editorial Perpétuo Socorro, s.d.
- CONSTITUIÇÃO Dogmática *Lumen Gentium*. In: VIER, Frederico (Coord.). **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1968. p. 39-113.
- COUTINHO, Ivany Chagas. **Anjos de maio**: coroações de Nossa Senhora: Belo Horizonte: Mazza, 2006.
- DE FIORES, Stefano; MEO, Salvatore (Dir.). **Dicionário de Mariologia**. São Paulo: Paulus, 1995.
- GAMA, Lélia Vidal Gomes da. **Devoção e nostalgia**: informação histórico-litúrgica sobre o catolicismo e o culto da Virgem Maria em Minas Gerais. Belo Horizonte: Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, 1984.
- JOÃO PAULO II. **Redemptor mater**: carta encíclica do Sumo Pontífice sobre a bem-aventurada Virgem Maria na vida da Igreja que está a caminho. 15. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.
- MAGGIONI, Corrado. **Maria na Igreja em oração**: solenidades, festas e memórias marianas no ano litúrgico. São Paulo: Paulus, 1998.
- MURAD, Afonso. **Maria, toda de Deus e tão humana**: Compêndio de Mariologia. São Paulo: Paulinas; Santuário, 2012.
- PAULO VI. **Marialis cultus**: para a reta ordenação e desenvolvimento do culto à bem-aventurada Virgem Maria. Brasília: Edições CNBB, 2016.
- POEL, Francisco van der. **Dicionário da religiosidade popular**: cultura e religião no Brasil. Curitiba: Nossa cultura, 2013.



ZALUAR, Alba. **Os homes de Deus**: um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.



ANEXO A

Maria, nome sagrado

Domínio Público

Harmonia e editoração: Percy Marques

1. Ma - ri - a no - me sa - gra - do _____ chei - o -
 2. São tu - as nos - sas can - ções _____ Ma - ri -
 3. Ful - ges mais que a luz do di - a, _____ Nes - ta

6 Bbdim Am D7 Am
 de gra - ça e can - du - ra _____ lá - bios de an - jos e - vo -
 a, mãe de bon - da - de, _____ en - che os co - ra -
 noi - te tão for - mo - sa, _____ a - che cei - tai do - ce Ma -

11 D Am D7 Gdim
 la - dos _____ nu - ma can - ção mei - ga e pu -
 ções, _____ de ter - nu - ra e pi - e - da -
 ri - a, _____ es - ta gri - nal - da de ro -

16 G D7 G D7/A G
 ra. Ma - ri - a no - me sa - gra - do _____
 de. São tu - as nos - sas can - ções, _____
 sas. Ful - ges mais que a luz do di - a, _____

21 E7 Am C
 chei - o de gra - ça e can - du - ra _____ lá - bios de
 Ma - ri - a mãe de bon - da - de, _____ en - che os
 nest - ta noi - te tão for - mo - sa, _____ a - che cei -

26 Cdim G E7 Am D7
 an - jos e - vo - la - dos, _____ nu - ma can - ção mei - ga e
 nos - sos co - ra - ções _____ de ter - nu - ra e pi - e -
 tai do - ce Ma - ri - a, _____ es - ta gri - nal - da de

31 G D7 G E7
 pu ra, _____ Re - ce - be tam - bém Ma - ri - a, _____ es - tas péta - las de
 da - de, _____
 ro - sas, _____



36 Am Cm G 1. Am D7 G
 flo-res, que te trou-xe-mos mãe pi - a, ren-den-do os nos-sos lou - vo-res.

41 G 2. E7 Am D7 G
 pi - a ren - den - do os nos - sos lou - vo - res

